



## Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

### **NA PASSAGEM DO CENTENÁRIO DE «O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS».**

SIMÕES, Joaquim António Santos

Ano: 1995 | Número: 105

---

#### **Como citar este documento:**

SIMÕES, Joaquim António Santos, Na passagem do centenário de «O Archeologo Português». *Revista de Guimarães*, 105 Jan.-Dez. 1995, p. 7-19.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Na passagem do centenário de “O Archeologo Português”

J. Santos Simões

Revista de Guimarães, n.º 105, 1995, pp. 7-19

Em Janeiro de 1895 começou a ser publicado *O Archeologo Português, colecção ilustrada de materiaes e notícias publicada pelo Museu Ethnologico Português*, tendo como redactor J. Leite de Vasconcelos.

Não podia esta Revista de Guimarães deixar passar esta importante efeméride sem a registar nas suas páginas, não só para assinalar um importantíssimo evento cultural mas também pelas frutuosas relações de colaboração mantidas nos tempos mais recentes com o Museu Nacional de Arqueologia.

Elas têm sido marcadas por um evidente empenho científico no sentido de promover e valorizar a arqueologia mas também pela relações cordiais entre os responsáveis dos dois Museus.

Ao longo de mais de um século decorrido não são muitos os registos de referência mútua e não interessa para o caso ir buscar quaisquer explicações para o facto.

Hoje, singelamente, desejamos fazer um breve registo antológico, para recordar passos importantes da Revista e dos seus protagonistas principais.

No volume I, nº 1, o Sábio Leite de Vasconcelos faz a apresentação da Revista com estas *Palavras prévias*,

“Para estabelecer relações literárias entre os diversos indivíduos que, ou por interesse científico, ou por mera curiosidade, se ocupam das nossas antigualhas, o melhor processo será pôr à disposição deles um jornal especial, onde tornem conhecidos do público, por meio de

estampas e de descrições, os objectos que possuírem, e dêem informações das estações arqueológicas e monumentos de que tiverem conhecimento.

É este o principal intuito do *O Archeologo Português*, que, além disso, procurará indicar aos seus leitores as obras que saírem a lume, no país ou no estrangeiro, sobre as antiguidades nacionais, e publicará muitos outros artigos de interesse para os especialistas, a respeito de biografias de arqueólogos portugueses, de museus públicos e particulares, da maneira de organizar colecções arqueológicas, de tirar decalques de inscrições, etc.

*O Archeologo Português* não aspira a inserir longas dissertações nas suas colunas: conquanto as não rejeite, se elas lhe vierem, tenta porém principalmente recolher notícias avulsas, embora abundantes e exactas, das nossas antiguidades, de modo que, ao cabo de alguns anos, esteja nele um repositório excelente de elementos para o conhecimento da nossa historia.

Portanto ele pede vivamente a todas as pessoas, que estiverem no caso do corresponder aos fins a que se propõe, que lhe enviem apontamentos de arqueologia, acompanhados, sempre que isso for possível, de desenhos ou fotografias, com a indicação das dimensões dos objectos.

Uma moeda rara ou desconhecida, um conjunto de quaisquer moedas antigas que se encontrem num local determinado, uma pedra com um lereiro ou uma escultura, um arco histórico ou lendário, um cruzeiro lavrado, uma fonte de construção especial, uma sepultura aberta em rocha, uma *anta*, uma *pedra de raio*, um estoque, uma espada, um sino, uma espingarda, um escudo, uma cadeira de couro, um leito de pau santo, um prato, um anel, etc., etc., e também um monte em que se supõe ter existido uma velha povoação de que ainda restem vestígios, – monte de ordinário chamado *O Crasto*, *O Castello*, *O Castellinho*, *O Castello Velho*, *A Cividade*, etc., e a que não raro andam associados nomes ou lendas de Mouros e Mouras –: eis aí outros tantos temas para os leitores d'*O Archeologo Português* lhe remeterem artigos ou modestas notas.

Tudo quanto tiver carácter antigo e revelar interesse histórico, ou ao menos, pelo estranho e aparência da forma, despertar a pura curiosidade, pode constituir assunto para os leitores obsequiarem as colunas d'*O Archeologo*.

Só depois de completamente reunidas estas variadas e fragmentadas parcelas da actividade dos nossos maiores, deixadas através dos séculos pelas gerações que vão passando, se poderá conhecer o apreciar por completo a história e a civilização portuguesas: e quanto mais profundo for esse conhecimento, tanto mais solidamente se radicará no coração do nosso povo o sentimento da nacionalidade.

\*

Fundado em 1893, por iniciativa do Sr. Dr. Bernardino Machado, quando Ministro das Obras Públicas, o Museu Etnográfico Português não tem deixado de receber auxílio dos Srs. Ministros subsequentes, graças à intervenção, apoio e continuado desvelo do Sr. Prof. Severiano Augusto da Fonseca Monteiro, Chefe da Repartição dos serviços técnicos de minas e da indústria, à qual o Museu ficou subordinado. Ainda ultimamente o mesmo Sr. obteve do actual Ministro das Obras Públicas, Sr. Dr. Campos Henriques, o despacho que autorizou a publicação do presente jornal.

É uma fortuna quando à frente dos Ministérios e das Repartições oficiais estão pessoas ilustradas, e de inteligência clara, que não curam só de burocracia, mas dão também atenção directamente aos assuntos científicos.”

Em Março do mesmo ano, escreve o Sábio Leite de Vasconcelos a Martins Sarmiento:

Ex.<sup>mo</sup> Am.<sup>o</sup> e S.<sup>or</sup>

Bibl. Nac.<sup>al</sup>  
2-III-95

Há que tempo não sei nada de V. Ex.<sup>a</sup> !

Muito desejava me mandasse muitos artigos arqueológicos para *O Arch. Portug.* V. Ex.<sup>a</sup>, se for aos seus cadernos tem por lá imensa matéria. Se também quisesse enviar-me estampas, era isso muito bom. Eu fiz o pedido geral num prospecto e por isso escusava de o

fazer aqui, tanto mais que V. Ex.<sup>a</sup>, decerto teria já tenção de me mandar alguma cousa; mas com esta carta tenho por fim lembrar.

Disse-me em tempo que queria obter um modelo em gesso do *ídolo* de Braga . Já o obteve ?

E ficou bom? Nesse caso eu desejava que fizesse o favor de me mandar uma fotografia ou desenho fiel, pois tenho há que tempos um artigo sobre o deus (de que publiquei já resumo que lhe mandei), e não o posso publicar sem estampa.

Concorda com as explicações que dou do monumento?

Tenho ultimamente obtido bastantes coisas, de que irá dando menção O *Arch*.

Muita à pressa.

Am<sup>o</sup>. obg.

Leite de Vasconcellos

Sarmiento corresponde ao pedido, e envia uma colaboração, que é publicada em Junho de 1895, no fascículo nº 6 do I Volume:

### «CIDADE VELHA» de Monte-Córdova

“Estas ruínas, a que alude *O Archeologo Português* (I, 12-13), são as mesmas de que fala Argote (*Memorias*, II, 465-67), servindo-se das informações de uma testemunha ocular, que viu mais do que eu podia ver, quando há 15 anos as visitei. Não acho por isso nada melhor do que reproduzir a descrição do Contador, fazendo-lhe algumas observações que julgo necessárias, e acrescentando algumas poucas notícias, que recolhi de outras fontes.

«766. Nos limites das freguesias de S. Perofins, e de S. João de Eirós, meya legoa dos rios Ave, e Vizella, para a parte do Meyo dia, está hum monte bastantemente levantado, a que aquelles povos chamão de S. Romão, por causa de huma Capella deste glorioso Santo, que alli esteve, de que se vêem ainda ruinas. Corre este monte de Norte a Sul, e se levanta em forma, que se descobre delle muito Paiz. No mais alto faz uma planicie, que declina para a parte do Norte, aonde esteve situada uma antiquissima Cidade, a que chamam actualmente Cidade velha. Era cercada de hum bom muro, que terá meyo quarto de legoa em roda, e tinha de largo sete palmos, e existe ainda hoje em altura de hum covado; dentro se divisão as ruinas das casas, que erão pequenas, e se divisão outrosim as ruas, que erão

estreitas, e ladrilhadas. Ao meyo da mesma Povoação se levantava em mais altura hum cabeço do monte, que está cercado de outro segundo muro da mesma grossura, que o primeiro, e neste cabeço se divisão algumas casas mayores, e alguns Castellos de esquadria em forma orbicular.»

Aqui só há a notar os «Castelos de forma orbicular». São sem dúvida casas redondas, como as de Sabroso, Citânia, etc.; também como na Citânia estão elas a par de casas quadradas, conforme pude verificar sem custo numa pequena exploração, feita por Manoel Marinho, da casa de Roriz, em que ficou bem a descoberto uma rua com as respectivas construções. Ladrilho da rua, forma e aparelho das casas, é tudo exactamente o mesmo que nas estações nomeadas.

«767. Por fóra do limite da Cidade se vêm algumas trincheiras, assim para a parte do Norte, como do Sul, em distancia de dous tiros de pedra. Em um valle alli perto se descobrio huma grande cova, que estava tapada com uma grande pedra redonda, a qual tem no alto um orificio quadrado, e na parte inferior tinha outro, guarnecido com hum cordão. A cova é fechada de abobeda, e feita de boa esquadria, e continua para dentro sem se lhe descobrir fim. Na mesma parte se ve hum grande lagedo, e no meyo delle um grande buraco redondo, por onde cabe huma bola de jogo, e desce com tanta profundidade, que nem pela estimativa se lhe percebe o fundo.»

Pela indicação do «grande lagedo com um grande buraco redondo», de profundidade insondável, vejo que o «vale», onde se encontravam estas curiosidades, estava muito próximo das muralhas. O grande lajedo com o seu buraco ainda existe, mas não por vontade dos ciprianistas. É ali que eles farejaram os melhores tesouros aferrolhados pelos Mouros, e, como os exorcismos tem sido pouco eficazes para os desencantar, já recorreram à pólvora, sem grandes resultados por enquanto. O penedo é rijo. Não por baixo mas por cima dele esteve uma verdadeira preciosidade, se é certo, como me asseveram, ter assentado ali a estátua, de que fala outro informador de Argote «a estatua de pedra de huma mulher com huma roca na cinta, que há pouco tempo se quebrou, por se entender ser figura d'algum Idolo, como na realidade devia de ser». A estátua andou depois aos tombos pelo monte, até que um proprietário das imediações a levou para casa. Fiquei um pouco surpreendido, quando, mandando-lha pedir por um amigo seu, soube que, para a descobrir, era necessário desmoronar uma parede. Tinha sido atirada para os

alicerces de um socalco. Consegui que o socalco fosse desmoronado num ponto, onde um pedreiro, colaborador da obra, indicava o esconderijo do ídolo. Nada porém apareceu, nem aí, nem noutra demolição mais extensa efectuada pelo proprietário, desejoso de servir seu amigo. E assim vai tudo.

Da «cova fechada abobadada e tapada pela grande pedra redonda» ninguém me soube dar notícias. É de crer que exista; mas, para procurar, era preciso gastar paciência e dinheiro – duas coisas que é raro ver juntas ao serviço da arqueologia.

«768. Para a parte do Nascente das ruínas da Povoação sobredita, a tres para quatro tiros de espingarda de distancia, está um penedo redondo, e nelle para a parte do Nascente gravada esta Inscricção:

COS·NE·⊙

P·S·

Para a parte do Poente tem outra inscripção, que principia:

FIDV·.....HIC

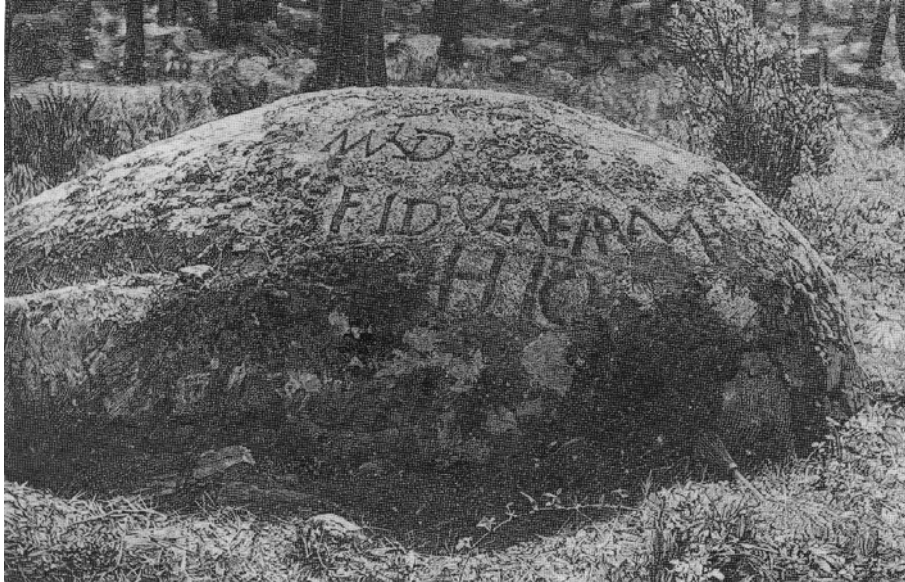
As mais letras não se tirarão pela brevidade com que examinou»

As gravuras que *O Archeologo* dá das duas inscrições são tiradas de uma fotografia e por isso devem merecer inteira confiança. Não compreendo a inscrição que volta para a nascente. A segunda linha é mesmo ilegível por falta de letras. Na do poente a única dificuldade está, me parece, na leitura do primeiro nome *Niminid*, ou *Nimid*? Mas qualquer que seja a forma da palavra, não pode duvidar-se, creio eu, que ela é a mesma que, por exemplo, o *nemed=sacellum* da glosa irlandesa; e, sendo assim, ficamos sabendo que umas divindades, chamadas Fidueneas tinham aqui o seu santuário. Esperemos que os linguistas nos dêem alguma luz sobre as funções destas entidades, porque de outro modo é de crer que fiquemos sempre às escuras. Procurei debalde pelas imediações vestígios de qualquer construção, sem me admirar muito de os não encontrar, talvez pela preocupação de que o templo das misteriosas deidades devia ser um verdadeiro *sacrum sylvarum*. Hoje não se vê por ali senão tojo e alguns pinheiros. O terreno, uma bouça, a bouça, do *Lagido*, é um pouco pantanoso, não

sei se em consequência das infiltrações da mesma veia de água, que rebenta, a uns 200 metros de distância, na bouça da *Chousa*. O borbotão de água é notável pelo nome e nada mais: chama-se *Fonte dos Mouros*. No penedo das inscrições estão insculpidas duas cruzes. Não me parece que sejam marcas divisórias; também não tenho razão alguma para afirmar que fossem ali gravadas para purificar o monumento de qualquer mácula pagã.







Arnaldo Gama fala de «não poucos poços, faceados de rijíssimos tijólos». Ninguém me deu notícia deles, o que não quer dizer que ainda não existam. Se eram sepulturas forradas de telha, como suponho, é de crer que não ficassem dentro da povoação propriamente dita, e a este propósito devo dizer que me causou alguma estranheza não encontrar nela fragmento algum de telha com rebordo. Não quer isto dizer que outro a não encontre, mas já a sua raridade é digna de nota numa estação, em que a influência romana foi indiscutível.

Além do achado de moedas romanas, que estiveram em poder do falecido médico Coelho, de S. Fins, dá-se por certo o de um capacete de ferro, de que foi possuidor um cavaleiro portuense, também já falecido. As moedas não sei onde param actualmente; o capacete deve considerar-se perdido; eu pelo menos perdi todo o trabalho de o descortinar. É possível que tivesse aparecido em algum dos «poços» mencionados por Arnaldo Gama.

Encravado na muralha de circunvalação há um penedo, chamado pelo povo *Penedo da lua*. Afirmaram-me que a denominação lhe vem de um sinal gravado, que é a figura da meia lua. O sinal está

extremamente safado; poucas semelhanças tem com a meia lua, e para mim é mesmo duvidoso se foi traçado pela mão do homem. Desconfio em suma que a verdadeira história do nome está tão safada, como o sinal.

Já fora das muralhas e em diferentes direcções há outros penedos que têm sua celebridade. Tais são os *Penedos rajados*, o *Penedo do sino* e o *Picoto do pai*. Num dos *Penedos rajados* assenta um lascão de perto de 4 metros em qualquer dos seus diâmetros e a que facilmente se imprime um movimento de balouço. No mesmo caso está *penedo do sino*, que não fica a larga distância dele. Penedo e lasca são aqui de menores dimensões, mas o rapazio prefere-o, porque o primeiro oscila silenciosamente e dá um som qualquer, quando a extremidade da lasca toca no penedo em que se equilibra. Daqui o nome do grupo – *penedo do sino*. A nenhuma destas pedras oscilantes se ligam tradições mouriscas, e com outras de muito maior imponência que tenho visto acontece o mesmo, o que não deixa de ter a sua importância. O *picoto do pai* fica para poente e a maior distância das ruínas. Nada tem de singular, a não ser a lenda que se lhe associa, não sei se com boas bulas. A lenda em si é popular em muitas partes. Reza ela que nos tempos antigos, quando os velhos ultrapassavam uma certa idade, os filhos punham-nos num carro e levavam-nos a um monte deserto, deixando-lhes uma manta e uma broa de pão. O *picoto do pai* seria o sítio escolhido pela gente desta região para o abandono dos miserandos macróbios. Sabe-se como acabou a péssima costumeira. Uma vez um dos velhos aconselhou o filho a que lhe deixasse só metade da manta e levasse a outra metade, para quando chegasse o seu turno. Perguntou-lhe o moço, muito admirado, se também havia de vir morrer no monte: «Pois então?! Até aqui trouxe eu meu pai; tu trouxeste-me a mim, e teu filho há-de te trazer a ti». O filho apressou-se a repor o velho no carro; voltou com ele para casa, e o seu exemplo começou a ser geralmente seguido.

Guimarães, Março de 1895”

Quando do falecimento de Martins Sarmiento a Sociedade edita um Número Especial da Revista de Guimarães, que acolhe uma expressiva colaboração de Leite de Vasconcelos: Um texto que sugere algumas das dificuldades existentes entre os dois

Sábios, e Extractos da correspondência de F. Martins Sarmiento (1881-1883).

A mesma colaboração é depois publicada (Vol. VI, Janeiro e Fevereiro, n.ºs 1 e 2) em *O Archeologo Português*, com uma introdução explicativa para esta Revista.

Dela passamos a publicar apenas os textos que precedem os extractos das cartas.

### F. MARTINS SARMENTO

“Era meu desejo publicar n’*O Archeologo* um artigo especial a respeito de F. Martins Sarmiento. A grande acumulação porém de trabalho que tenho tido tem-me impedido de o escrever até hoje, e eu poderia ainda escrevê-lo tão cedo. A fim de reparar de certo modo a falta, reproduzo aqui o que a pedido da Sociedade Martins Sarmiento dei a lume na *Revista de Guimarães*, no número que ela consagrou do finado arqueólogo.

Sem adoptar todas as ideias que Sarmiento professava acerca da nossa etnologia, não posso deixar de reconhecer os grandes méritos que ele tinha, a sua inteligência, a sua ilustração, o seu amor às coisas portuguesas, principalmente à arqueologia, que ele fez adiantar muito. Infelizmente não deixou um trabalho geral em que condensasse todas as suas investigações arqueológicas; apesar de eu tantas vezes, verbalmente e por escrito, o haver incitado a escrever, por exemplo, uma monografia sobre a Citânia e Sabroso, dois castros típicos, cuja descrição serviria de modelo ou de ponto de referência a descrições futuras de outros castros, nunca se resolveu a isso, e preferiu espriar-se e gastar-se na elaboração de obras teóricas, que embora muito eruditas, não sei se de futuro serão por completo aceites da ciência. Ninguém, como ele, estava no caso de descrever as ruínas da Citânia e de Sabroso, e os objectos lá achados, porque foi ele quem dirigiu e acompanhou as escavações; e bom número de minudências interessantes que um estranho não pode apreciar, e que assim ficaram perdidas, expôr-nos-ia ele sem nenhuma dificuldade.

À Sociedade Martins Sarmiento, que tanto a peito, e com tanta razão, tomou a memória do seu nobre patrono, lembro, se me permite, a necessidade de mandar imprimir em volumes não só os artigos arqueológicos soltos que Sarmiento inseriu em jornais e revistas, mas os numerosos apontamentos manuscritos que ele deixou, – devendo tudo isto ser, já se vê, previamente revisto, pesado, e, onde convier, anotado.

Extractos da correspondência de F. Martins Sarmiento  
(introdução)  
(1881-1883)

Como mantive em tempo correspondência aturada com F. Martins Sarmiento, possuo dele grande de número de cartas.

Dentre elas escolho, por serem as que tenho mais à mão, as que abrangem o período de 1881 a 1883, para de aí extrair algumas notícias que dizem respeito à vida científica do benemérito arqueólogo, cujo passamento a cidade de Guimarães, como seu berço, hoje piedosamente mais uma vez comemora.

As minhas, relações com Martins Sarmiento datam dos fins de 1879. Foi o meu prezado amigo, e seu primo, o Sr. conde de Margaride quem me apresentou a ele, por ocasião de umas férias escolares que eu passava em Guimarães. A primeira vez que lhe falei, estava Martins Sarmiento à banca, à noite, a trabalhar na primeira edição do seu estudo da *Ora Marítima* de Avieno. A mim prendeu-me imediatamente o modo lhano como me recebeu, tendo ele então já firmados os seus créditos de erudito, e sendo eu nas letras mero principiante. Recordo-me que logo nessa noite falámos muito. Depois disso não me faltou ensejo de estar com ele, por enquanto, durante a época da minha formatura no Porto, eu ia a Guimarães frequentemente nas férias. Com Sarmiento realizei mesmo algumas excursões arqueológicas, pelos arredores da sua cidade natal, à Citânia de Briteiros, a Soajo. Conquanto eu a esse tempo andasse na febre da colheita das tradições populares portuguesas, e no começo dos meus estudos filológicos, já sentia bastante inclinação para a arqueologia, à

qual, por dever dos meus cargos oficiais, e para a execução do plano dos meus trabalhos, tive posteriormente também de consagrar-me: o contacto com Martins Sarmiento não afrouxou, de certo, essa inclinação!

Vêm, pois, os leitores que não é sem saudade que venho reler, para, como disse, as extrair, as cartas, que dele possuo, dos primeiros anos das nossas relações.

A par dos seus méritos científicos, Martins Sarmiento dispunha de méritos literários. Escrevia com muita facilidade. As suas cartas, – como em geral todos os seus escritos, mesmo os mais sérios –, participam também dessa simplicidade que caracteriza a linguagem familiar e despreocupada. Sarmiento escrevia pouco mais ou menos como falava. O que nas cartas se torna um encanto, não direi contudo que por vezes nos escritos graves não destoe um pouco da natureza do assunto. Antes de ser arqueólogo e erudito, Martins Sarmiento foi literato. Na mocidade escreveu versos e folhetins. Assim em parte se explica que no período em que as investigações arqueológicas o absorviam, a feição literária não desamparasse o investigador. Por isso os extractos que ofereço ao público, além dos factos que encerram para o conhecimento da vida científica de Martins Sarmiento, proporcionaram aos leitores algum agrado.

Claro está que deixo de parte tudo o que não contiver interesse imediato. Omito muitas cartas”.

Cem anos passados, aqui fica o registo afectivo do Centenário de *O Archeologo Português*, marcado pela presença constante das duas figuras tutelares da Sociedade Martins Sarmiento e do Museu Nacional de Arqueologia.